



NAZISTAS E INFAMES

aproximações discursivas entre
Bolaño e Foucault

NAZIS AND INFAMOUS
discursive approaches between Bolaño and Foucault

Nalberty Medeiros Santos¹
Universidade Estadual da Paraíba

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI) pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

E-mail: nalbertymedeiros@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4722640671752582>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8501-6989>.



RESUMO: A ideia desse texto, é traçar as relações possíveis entre os livros *A literatura nazista na América* e *La vida de los hombres infames*, escritos respectivamente, por Roberto Bolaño e Michel Foucault. Nessas duas escrituras, os autores “brincam” com a ficção e a não-ficção, ao construírem uma espécie de dicionário de nazistas ou homem infames, como também “saltam” entre filosofia, literatura e política, na medida em que descrevem novos sujeitos do discurso, indivíduos que surgiram na modernidade, e que no século XX, formaram uma espécie de cânone de nazistas e infames. Nesse sentido, ao analisar comparativamente esses dois livros, se tem como propósito, nesse artigo, examinar esses novos sujeitos, entes que partilham de uma espécie de mal comum, certa experiência do século XX, o espaço entre fronteiras de pessoas e movimentos, entes que compactuam, até mesmo nas Américas, de movimentos tanto de direita quanto de esquerda.

Palavras-chaves: Literatura. Filosofia. Nazistas e infames.

ABSTRACT: The idea of this text is to trace the possible relationships between the books *A literatura nazista na América* and *La vida de los hombres infames*, written respectively by Roberto Bolaño and Michel Foucault. In these two writings, the authors “play” with fiction and non-fiction, by building a kind of dictionary of men Nazis or infamous, as well as “jumping” between philosophy, literature and politics, as they describe new subjects of discourse, individuals who emerged in modernity, and who in the 20th century, formed a kind of canon of Nazis and infamous people. In this sense, when analyzing these two books comparatively, the purpose of this article is to examine these new subjects, entities that share a kind of common evil, certain experience of the 20th century, the space between borders of people and movements, entities that support, even in the Americas, movements of both the right and the left.

Keywords: Literature. Philosophy. Nazis and infamous.

Palavras iniciais – possibilidades comparativas

Nesse artigo, examino comparativamente os textos *A literatura nazista na América*, publicado pelo escritor chileno Roberto Bolaño (1953-2003) em 1996, e o projeto de livro *La vida de los hombres infames* de Michel Foucault (1926-1984). A ideia é traçar os pontos comuns, aquilo que considero as maneiras em que esses manuscritos, de alguma maneira, parecem se “relacionar”, apontar certo compartilhamento de ideias, indicar certas experiências da modernidade. Nesse sentido, o texto do autor chileno, foca numa literatura localizada cartograficamente nas Américas, mas que tem como núcleo ideológico, a visão totalitarista nazifascista.

Essa é uma das cartadas de mestre do literato chileno, visto que pelo jogo ficcional, criou e enxergou uma comunidade de escritores e escritoras de extrema-direita nas Américas. Esses que por meio das letras (e por outros ofícios), fincaram nesse continente e nos seus arredores, as atrozes bandeiras de alguns dos mais infames movimentos do século. É por tomarem como bandeira as ideologias e os preconceitos dos homens infames do século XX, que essa “comunidade” de nazistas e fascistas americanos, se tornaram mulheres e homens infames, na medida que compartilharam de um “mal comum”. Ou antes, por adejarem e “vacilarem” perante o “mal” e o “bem”, já que muitos dos personagens do *A literatura nazista na América*, participaram dos movimentos de ultradireita apenas indiretamente, alguns flertaram até mesmo com a esquerda.

A minha ideia é traçar, de forma geral, uma relação possível desses escritores e escritoras nazistas com alguns dos dispositivos conceituais do texto do Foucault, isto é, percebê-los como infames, na fronteira do homem com o monstro (“bem” e “mal”), como defende Walfrido Dorta Sánchez (2015, p. 258), ao relacionar as personagens-pessoas presentes nos “dicionários” de Bolaño e Foucault, “como sujetos que reúnen en sí tal variedad de rasgos de naturaleza contradictoria y excluyente, que se convierten en rarezas, fugas, desviaciones, ‘objetos de culto’. El diccionario sería así una galería de monstruos”, de pessoas que pairam entre contradições, que vivem entre o “mal” e o “bem”, e talvez o resultado possível da confusão entre esses conceitos. Ambos os textos tratam ou pretendem focalizar nessas entidades. São coleções de vidas infames, muitas das quais são monstruosas ou infames parcialmente, de modo que em suas vidas singelas, por exemplo, alguns dos personagens descritos pelo escritor chileno, como tecerei no decurso deste artigo, não praticam atos verdadeiramente monstruosos, muito embora escrevam sobre tais atos. Com isso, argumentarei que esses tipos fazem parte das experiências do século XX-XXI, são indivíduos que se não têm coragem de praticarem atos infames, elegem alguns indivíduos para isso.



Nesse sentido, o livro de Bolaño é uma exposição sobre alguns dos tipos humanos de nossa época, e além disso, parece conseguir responder e preencher quase que perfeitamente, duas décadas atrás, o alerta feito por Jens Andermann (2017, pp. 86-87), no texto *Para una hermenéutica de la enemistad: los estudios culturales latinoamericanos y el nuevo fascismo*, “nuestra incapacidad – no necesariamente en tanto individuos, pero ciertamente dentro de las prácticas y terminologías de las disciplinas que professamos – para responder al nuevo fascismo en la cultura política de Latinoamérica”. Nesse caso, o escritor chileno responde a isso tanto se tratando dos indivíduos quanto das disciplinas, já que o seu projeto foca na relação entre pessoas que compactuam de teorias e fazem literaturas nazifascistas, e por consequência, compõe uma espécie de cânone fascista americano. O escritor responde proficuamente a esse alerta, ao focalizar o duplo problema: (i) o indivíduo que goza do fascismo, (ii) e simultaneamente faz uma literatura/disciplina fascista, entes esses que pululam no continente americano, estão ao nosso redor, ou ainda são os tipos possíveis dos entes idealizados por Foucault.

Agora, gostaria de mencionar que o livro do autor francês, um dos objetos deste artigo, não passa da esfera de projeto, está incompleto. Mas isso não é um demérito, pelo contrário, é esse inacabamento aquilo que tanto torna difícil a sua análise, como também propicia a expansão das ideias presentes no manuscrito, a expansão de suas ideias ou propostas para outros contextos e escrituras. Já ao que tange a “estrutura” do *La vida de los hombres infames*, essa dar-se da seguinte maneira: (i) se tem a apresentação do projeto, ser uma antologia das vidas de pessoas infames (o autor, por algum motivo, não conseguiu detalhar a existência desses entes), de entes que compartilharam do crime e do mal; (ii) da metade para o fim do manuscrito, há uma tentativa de contextualizar esses crimes, quer dizer, o filósofo emprega os personagens-pessoas infames dentro dos séculos XVII-XVIII.

Contudo, nesse estudo de literatura comparada, não pretendo focar nesse contexto espacial-temporal idealizado por Foucault (na construção teórica-estrutural que o texto parece, às vezes pender), especialmente porque o próprio filósofo afirma que se poderia facilmente recriar ou fazer outros livros sobre pessoas infames de outras épocas, em suas palavras: “que la *Vida de los hombres infames* podrá ampliarse a otros tiempos y a otros lugares” (Foucault, 1996, p. 83). É por causa da possibilidade de existência de ontologias e biografias de seres infames em outros espaços e tempos, em outras formas de narrar, que escolhi cotejá-lo com as vidas narradas no *A literatura nazista na América*.

Quanto a metodologia de análise pretendida por Foucault, esse recolhe e junta em uma antologia as vidas de pessoa escandalosas, inconsequentes, más, obscuras, marcadas pela loucura, seres infames de 1660-1760, às examinando a partir do seguinte dispositivo teórico, “en el que se entrecruzaron mecanismos políticos y efectos de discurso” (Foucault, 1996, p. 83). Logicamente, não foco exatamente nos mesmos meios propostos pelo filósofo, a saber: análise desses mecanismos por



via de documentos policiais, cartas, discursos e decretos de reis, nos quais estão gravadas as vidas daqueles indivíduos infames. Não focalizo nesses elementos, até por que, como o texto é inacabado, o filósofo não conseguiu realizar detalhadamente o seu empreendimento, razão pela qual esses documentos são mencionados apenas algumas vezes.

Apesar desses “problemas”, a ideia de que essas antologias ou biografias estão dentro, se confundem ou relacionam com mecanismos políticos-discursivos, me interessa para o cotejamento com a escritura do literato chileno, na qual há um apontamento para aquela relação, na medida que os personagens do seu dicionário, são influenciados também por mecanismos políticos-discursivos, por ideologias que os fazem, pela literatura e por outras artes, criarem um tipo de cânone nazifascista americano. São essas algumas das coisas que tornaram possível esse estudo comparativo, o exame entre essas obras de Bolaño e Foucault.

1 Entre fronteiras e contradições

Tanto *A literatura nazista na América* como *La vida de los hombres infames*, guardam entre si semelhanças e diferenças estruturais, particularmente a ideia de serem ambos um dicionário ou glossário de “monstros”, cada qual mantendo as suas diferenças, um deles concentrando na biografia de seres infames dos séculos XVII-XVIII, e o outro em escritores, poetas e poetisas que partilharam uma ligação com o nazismo e o fascismo. Há algo interessante entre essas duas propostas, primeiro, que o projeto do Foucault, por não passar da esfera de projeto, sua incompletude aponta para as vidas infames em inúmeros tempos e espaços, sendo um deles, a experiência do século XX, a experiência de morte, desespero e guerra, que levaram os escritores, na literatura e na política, a se debruçarem sobre os problemas da época. Já o segundo, o caso do texto de Bolaño, pode bem ser lido como uma representação possível do projeto de Foucault, como sendo uma tentativa de grafar pela literatura, as biografias dos infames do nosso século, esses que são descritos na escrita de Bolaño, pela mão de um escritor que ao ficcionalizar a realidade, confundiu as fronteiras entre a ficção e o real, mais ou menos como afirma Josefina Ludmer (2010, p. 18-19), ao falar do mundo e do tempo na era da técnica, “hace porosas las fronteras entre tiempo privado y público, entre presente y futuro, y también entre ficción y realidad”.

Bolaño é alguém que, através da literatura, versou acerca dos modos discursivos-existenciais do século, não se eximiu de falar dos males de sua época, mesmo se com isso fosse colocado como apátrida ou visto como indesejado. Por isso, no seu relacionar entre literatura, estética e ética, escreveu sobre os males do século (a podridão que marca os nazifascistas, particularmente dos fascistas comuns,



do cotidiano), conforme informa Pedro Lucas de Lima Freire Bezerra (2019, p. 17), na dissertação *A impossibilidade de manter-se a salvo: a literatura e o mal em Roberto Bolaño*, “Para ele [...] há um tipo de escritor que abala a própria instituição literária: são eles os indesejados, os malditos, os que conseguem trazer aromas podres, imagens grotescas”. Em *A literatura nazista na América*, são apresentados algumas dessas imagens, aqueles que, inclusive, são a massa de manobra dos agitadores do século, ou seja, os indivíduos menores (no sentido de serem “pessoas do discurso”, comuns e ordinários, como argumentarei no próximo tópico), esses que se colocaram diretamente e indiretamente, no solo americano, no apoio aos movimentos nazifascistas. Ambos são os infames de nossa época.

O dicionário de Bolaño, ao contrário do projeto de Foucault, é completo, visto que consegue trazer à tona, por meio da ficção, inúmeras biografias de seres que defendem discursos e pessoas infames, as vidas de escritores e escritoras da ultradireita. Ao focar nessas vidas, na ideia de uma história de homens infames ou de uma literatura nazista em solo americano, versa sobre o compartilhamento do mal, do prazer nazifascista ao perpetrar o sofrimento no outro, como também daqueles que ficam entre muros, que observam o outro ser aniquilado. Aliás, essas são maneiras de falar, escrever e ler as experiências do século XX, a relacionalidade entre infamidade e existência, entre literatura e mal, o rompimento das fronteiras que se deu neste século, sendo possível encontrar na literatura um modo de ler esse rompimento/desvio, até mesmo porque, segundo Bezerra (2019, p. 24), “a Literatura propõe um novo jogo de linguagem, onde os sentidos se proliferam e se fraturam, em uma missão obstinada de produzir tensões, fugas, desvios”. É com esse meio que o escritor chileno se aventura a descrever os entes do século, aqueles que vagam em outras formas, que já não podem ser percebidos claramente.

A relação entre o monstro, o infame e o mal, são representados nessas formas em fuga, essas que, em nossa época, se tensionam ao ponto de se relacionarem com os seus opostos. É por isso que agora, aqueles não podem ser definidos estritamente, porque estão em contradição, em fronteira. Com isso, o que quero dizer é que as fronteiras que os separavam dos seus contrários se tornaram mais tênue, ou ainda, que o mal e o monstruoso não são mais claramente percebidos, passíveis de clara definição. Agora, adejam entre movimentos antagônicos, no sentido de que se calam perante o horror, até mesmo sentem pavor do horror, mas não conseguem se distanciar dele.

Esse é o caso da biografia de Edelmira Thompson de Mendiluce (1894-1993), matriarca dos escritores nazistas na Argentina, amiga íntima de Adolf Hitler e de Eva Perón, nas palavras de Bolaño (2019, p. 20), “em muitas fotos da época Evita e Edelmira aparecem juntas, em coquetéis, recepções, festas de aniversário, estreias teatrais e competições esportivas”. Para além da brincadeira entre ficção e realidade, claríssima nessa passagem, é curioso um outro jogo empregado pelo escritor, o imiscuir

entre opostos, ou seja, a relação ficcional entre uma líder da ultradireita e uma importante líder da esquerda nas Américas. Logicamente, com esse jogo ou brincadeira, o autor está apontando para uma experiência comum de nossa época, para a existência em fronteira de partidos, movimentos e conceitos, esses que simultaneamente se negam e se afirmam, se distanciam e se aproximam.

Dentro da realidade, para se ter uma ideia mais clara desse movimento estranho (desse aproximar e se afastar, do ter horror a destruição mas ser causa da destruição), poderia utilizar como “sinônimo” dessa personagem, o responsável pelos assuntos de deportação na Alemanha nazista, Adolf Eichmann (1906-1962), esse que, segundo Cáceres (2010, p. 58), “no tenía impulsos genocidas ni un marcado antisemitismo, sin embargo, se limitó a obedecer una ley criminal que conducía a perpetrar delitos contra la humanidad”. Em todo caso, tanto a personagem quanto o funcionário nazista, embora não desejassem o horror, para contradição geral, se relacionaram fortemente com ele².

Um exemplo desse rompimento de fronteiras, dessa impossibilidade de caracterizar o mal como verdadeiramente mal, ou ainda, do complexo relacionar entre partidos e movimentos (de coisas contraditórias), é a vida da poetisa Luz Mendiluce Thompson (1928-1976), uma das personagens-pessoas biografadas por Bolaño. A vida de Luz é extremamente interessante para se compreender esse está entre fronteiras, principalmente por que a escritora nazista, apesar do seu amor a Hitler e do seu relacionar com inúmeros nazistas americanos, perambula ainda pelo outro lado, se relaciona com outros movimentos, flerta com uma militante de esquerda. De forma geral, o narrador descreve a vida da amante das letras da família Mendiluce, daquela que quando pequena estivera nos braços de Hitler, e que até mesmo em plena vida adulta, mantinha cuidadosamente em sua posse, o retrato desse encontro já distante, mas que “tinha sido um dos melhores momentos de sua vida” (Bolaño, 2019, p. 28).

O narrador conta a relação da personagem com o monstruoso líder alemão, esse que aparece frequentemente na literatura de Luz, nos seus livros *Com Hitler fui feliz*, *Autorretrato*, *Luz Mendiluce e o amor*. Em todos esses textos, há uma manifesta referência à relação da personagem com o nazismo. Entretanto, essa relação não se dá apenas nos seus livros de poesia, mas também na vida conturbada da poetisa, essa que perante as suas desilusões amorosas, os seus inúmeros seguidores, compostos pelos “Nazistas e os complexados [...] alcoólatras e os marginais sexuais ou econômicos” (Bolaño, 2019, p.

² Eichmann é um dos exemplos possíveis para se comparar com os personagens de Bolaño, visto que é uma pessoa que teve participação direta no envio dos judeus para os campos de morte. É um ente marcado por contradições, já que mesmo tendo sentido o horror do holocausto, dele não conseguiu se desvencilhar. Para se ter uma ideia dessa contradição, vide parte do depoimento de Eichmann transcrito por Hannah Arendt (1999, p. 103): “Isto foi o que Eichmann viu: os judeus estavam numa grande sala; recebiam ordem de se despir; então chegava um caminhão, parava bem na entrada da sala, e os judeus nus recebiam ordem de entrar nele. As portas eram fechadas e o caminhão partia. ‘Não sei dizer [quantos judeus entraram], eu mal olhei. Não consegui; não consegui; para mim bastava. O guincho e [...] fiquei muito perturbado, conforme contei depois a Müller, quando lhe fiz o relatório; meu relatório não serviu para muita coisa”.

30), tinha sempre em mãos, como figura central de sua existência, a imagem do infame Führer, o retrato que ela mostrava a todos os seus convivas, a lembrança daquele abraço que ficou guardado em sua memória.

A vida de Luz foi marcada pela embriaguez, a desilusão amorosa, a constante lembrança latente do seu primeiro amor (o líder dos nazistas), e a insídia com inúmeros escritores argentinos. Já cansada dessa vida tumultuosa, resolveu se isolar do mundo, acompanhada de suas seguidoras e seguidores. Nesse isolamento, conheceu Cláudia, poeta e militante de esquerda, pela qual a expoente do nazismo na América, admiradora voraz de Hitler, se apaixonou perdidamente. Com o tempo, a amizade delas ganhou espaço, tornou-se amor. Por isso, Luz resolveu mudar, partiu para a cidade de Rosário em vista de se dedicar totalmente a Cláudia.

Entretanto, a contradição não “lhe permitiu” essa felicidade. E para seu pavor, descobriu que sua amada fora sequestrada por membros da ditadura, por aqueles com os quais, a admiradora de Hitler, compartilhava um forte laço. Não acreditou que isso fosse possível, de modo que “move céus e terra, recorre às suas amigadas, às amigadas da mãe, do irmão mais velho e de Juan, em vão” (Bolaño, 2019, p. 35). No fim, soube que o corpo de sua amada fora encontrado em um lixão. Ficara estarecida, e assim tomou a sua última decisão – ao voltar em seu carro para Buenos Aires, se jogou contra um posto. Terminou entre o fogo e o desespero, não suportou a contradição, não suportou que sua amada fora assassinada por pessoas com as quais compartilhava laços políticos, talvez muitos daqueles que seguiam a poetisa nazifascista.

Agora, voltando ao que eu tinha mencionado anteriormente, parece está em jogo na biografia de Luz, certa relação ambígua entre a personagem e os partidos políticos, ou para ser mais preciso, está em questão as fronteiras entre os conceitos de “bem” e “mal”. Em que aquilo que seria sinônimo do mal, o nazifascismo, parece unicamente pela pessoa de Luz Mendiluce, vacilar ou entremear, o que poderia se encaixar no que diz Bezerra (2019, p. 57) ao comentar um outro texto do Bolaño (o romance *Amuleto*), mas que bem poderia ser uma reflexão acerca da contradição e a ruptura na vida de Luz, “Todavia, esse jogo de contrários, essa coincidência paradoxal, ganha força e profundidade, tornando-se uma experiência de ruptura”. Dessa maneira, está em questão, o rompimento ou a contradição de uma visão maniqueísta, manifestados claramente quando a poetisa vacila entre movimentos, já que, em um plano, é admiradora de Hitler e musa da extrema-direita, e no outro, por amor a Cláudia, resolveu mudar aquilo que as separava, o posicionamento político, escolheu no e pelo amor romper com aqueles com os quais a família Mendiluce estava intimamente ligada.

Enfim, na história de Luz Mendiluce, o narrador confunde os movimentos políticos, faz o leitor enxergar na poetisa uma pessoa em contradição, coloca em xeque qualquer maniqueísmo possível, qualquer totalidade, pelo menos na vida particular da personagem (ela é uma nazista, mas não é



totalmente nem necessariamente uma pessoa má, ao invés disso, ela paira entre “bem” e “mal”), pois esse livro como um todo, parece apontar para um meta-relato, um cânone fascista. Nesse caso, não se trata do mal ou do bem em contraposição, do velho problema entre verdade e mentira.

Logo, por não se tratar dessas meras ideias em luta, na qual normalmente uma ou outra sairia vencedora, o problema é outro, talvez seja aquilo que Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900), no livro póstumo, *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*, colocou como questão, ao ver na relação entre verdade e mentira (e por extensão, bem e mal) apenas construções, jogos de palavras e convenções (o que levaria as coisas a uma espécie de “fluidez”, está entre fronteiras, “impossibilidade” de classificação), tema esse que será constante também em Wittgenstein (1999). Por essas razões, não se pode categorizar a personagem precisamente como uma pessoa boa ou má, já que essas caracterizações, não respondem ao problema, são insuficientes para as condições de existência do século, essas que são representadas na escritura de Roberto Bolaño, essa que, por sua vez, me parece ser uma possibilidade do projeto foucaultiano.

Para terminar esse tópico, digo ainda que se trata do problema do totalizante, esse que no século XX, mesmo já tendo sido “decretado”, por teóricos como Vattimo (2002) e Lyotard (2009), o “fim” dos grandes-relatos, ou pelo menos das tentativas de totalização da existência, da busca pela universalidade, agora, vêm à tona com outras formas. Curiosamente, está ao lado da vacilação ou do entremear do totalizante, que em Luz - repito, no particular - o mal parece vacilar, pender para o outro lado, enquanto que no coletivo de escritores nazistas, aponta para a existência de uma espécie de meta-relato nos vários sistemas políticos totalizantes do século XX. E dentro dessa perspectiva, na literatura de Bolaño (enquanto uma representação das experiências do século, das novas formas de “pessoas do discurso” e novos meta-relatos) - permita-me essa ousada afirmação - os velhos problemas “mal” e “bem”, particular e universal, estranhamente retornam, aparecem com outras formas.

2 Entre fronteiras – o surgimento de novas pessoas do discurso

Em *La vida de los hombres infames*, Foucault (1996, p. 86) argumenta que surgiu no século XVIII, algo que marcaria as maneiras como as coisas seriam faladas e escritas nos séculos seguintes. Com isso, fala do nascimento de outros discursos, particularmente os das pessoas insignificantes, ou seja, os entes pequenos que mal apareciam no relato ou discurso dominante³. Nesse caso, surgiu outro

³ “van a nacer una infinidad de discursos que atraviesan en todos los sentidos lo cotidiano y gestionan, de un modo absolutamente diferente al de la confesión, el mal minúsculo de las vidas sin importancia [...] Lo menor

modo de ver, ler e ser, em que o insignificante ou homem comum, saiu finalmente da obscuridade do não dito, tornou-se uma voz relativamente tonante, principalmente no jogo do discurso e do poder.

Apesar das diferenças entre os ditos do escritor francês e do chileno, o primeiro aponta para algo que será a marca do século XX, o homem comum que se tornou uma voz, que participa dos movimentos políticos da época, um indivíduo que comunga com o nazismo, fascismo, socialismo, capitalismo, com a direita e à esquerda. São as peças que os agitadores do século empregaram para chegar ao poder. São essas algumas das vozes retratadas por Bolaño, indivíduos que mesmo no mais recanto das Américas, comungarão com os mais atrozes movimentos do século.

Nessa esteira, cito o caso do escritor e professor cubano Ernesto Pérez Masón (1908-1980), um dos personagens que compõe o cânone de nazistas e fascistas em *A literatura nazista na América*, e que mormente adicionava em seus livros, enigmas ou mensagens subliminares, tudo isso em forma de “protesto” ou por uma espécie de birra contra o governo cubano. Nesse sentido, no romance *A sopa dos pobres*, por trás do texto deixa as seguintes mensagens ocultas, “VIVA ADOLF HITLER [...] MERDA DE PAISINHO [...] QUE ESPERAM OS U.S [...] COCÔ PARA VOCÊS” (Bolaño, 2019, p. 59), já em *A árvore dos enforcados*, decreta seu ódio aos judeus, comunistas, homossexuais e negros. É um nazista cubano que não gostava de Fidel e que viveu os anos finais de sua vida em exílio em Miami, participando de um círculo de socialistas, no qual continuou a escrever livros com inúmeros enigmas, que apesar das polêmicas, não causavam o menor interesse nos seus pares.

Ao descrever esse personagem, Bolaño biografava um desses indivíduos sem importância, um ser que paira entre a intelectualidade e a imbecilidade, que comunga com o nazismo, e contraditoriamente convive com socialistas nos EUA. Ernesto Pérez Masón é um desses “sujeitos do discurso” que vieram à tona na modernidade, um desses entes ordinários (não me refiro apenas negativamente, pois compreendo ordinário no sentido de ser algo comum) que, na América, compartilharam da infamidade dos nazistas, muito embora estejam desfocados, já que suas vidas são, no particular, supérfluas, tornando uma espécie de cânone nazifascista americano, apenas no conjunto descrito na brincadeira ficcional do *A literatura nazista na América*.

O escritor chileno, ao traçar personagens com psiques, formações e atuações diferentes, e que, no entanto, fazem parte de uma espécie de cânone da extrema-direita nas Américas, lida com a relacionalidade de discursos e tipos que são simultaneamente, heterogêneos e homogêneos, que estão entre fronteiras. Inclusive, é isso o que Kelvin dos Santos Falcão Klein (2009, p. 153), no artigo *Intervenções-ficcionais latino-americanas: a história a contrapelo*, defende parcialmente, “a

deja de pertenecer al silencio, al rumor que circula o a la confesión fugitiva. Todas estas cosas que constituyen lo ordinario, el detalle sin importancia, la oscuridad, las jornadas sin gloria, la vida común pueden y deben ser dichas, o mejor escritas” (Foucault, 1996, p. 86).



heterogeneidade dos personagens criados por Bolaño é extrema, não havendo, portanto, uma característica ‘nazi’ que os uma [...] e sim multiplicidades que falam distintas vozes em consonância”. Digo parcialmente porque não me parece que Klein esteja negando a união desses em um “coletivo” de extremistas, mas que são tão tantos os tipos desenvolvidos pelo escritor chileno, que não é possível apontar apenas uma única característica nazista. Na verdade, o que há é uma relação entre inúmeras manifestações nazistas e fascistas, que no nível particular, na esfera desses indivíduos fora do “coletivo” de nazistas, se confunde ou participa, inclusive, de movimentos contrários à sua base ideológica.

Essa contradição dá-se exatamente pela junção de diversos tipos biográficos-discursivos, tipos que em suas vidas particulares, estão à deriva, se envolvendo frequentemente a movimentos antagônicos. Esse é o caso de Juan Mendiluce Thompson (1920-1991), filho da matriarca das letras da extrema-direita na Argentina, Eldemira Thompson de Mendiluce. Juan é um exemplo do ente que passeia e vagueia entre partidos políticos, que por um lado apoiou o nazismo, a ditadura na Argentina, e por outro foi um peronista, sendo também contra os “cultores da violência”, os que escrevem nesse estilo (Bolaño, 2019, p. 24-25). É um indivíduo que caminha nessa contradição, na medida que paira entre esquerda e direita, que comunga contra e pró os sistemas totalitários.

Além disso, ao tecer algumas linhas sobre a escritura do Bolaño, Klein pensa a estrutura de *La literatura nazi en América*, como uma catalogação de “tipos infames”. E nesse caso, se encaixa em parte da ideia que estou defendendo nesse exercício de literatura e crítica comparada, no qual enxergo o texto do escritor chileno como um catálogo de indivíduos infames, parte possível do que poderia ter sido o texto do Foucault caso o projeto tivesse sido concluído, ou ainda enquanto uma perspectiva do mesmo, caso se tenha como recorte temporal do projeto de livro, o século XX, essa que é apenas uma das inúmeras veredas apontadas indiretamente no manuscrito. Esse século que, se não é a época dos maiores infames, é ao menos o tempo da infamidade que existe em cada um de nós, o “infame” e o “mal” que “compartilhamos”, que veio à tona nessa época de crise, destruição e morte, que se tornou banal, comum e ordinário.

Uma dessas vidas ordinárias, é descrita por Bolaño no capítulo *poetas malditos*, no qual faz uma síntese da vida e obra do professor chileno de educação primária Pedro González Carrera (1920-1961). Ao apresentar esse curioso poeta, conta que esse tivera um dos seus poemas publicado em uma revista da capital, graças ao intermédio do seu amigo e também professor Florencio Capó, que colocou o poema na revista sem nem ao mesmo passar os olhos nos entornos dos versos (Bolaño, 2019, p. 64-65). Com essa publicação, surgiu a seguinte polêmica: o texto causou alvoroço (apesar de ter tido repercussão unicamente no círculo pedagógico), já que era um grito de apelo aos soldados de Mussolini tratados com desdém pelos Aliados e até mesmo por aqueles que tinham amizade com os alemães, esses últimos que foram aliados da Itália em boa parte da Segunda Grande Guerra. Indignado com tal

situação, o poeta lançou quase que uma “profecia” (psicanaliticamente, um desejo não manifesto/latente), escreveu furiosamente que os soldados humilhados retornariam vitoriosos no fim.

Um tempo depois dessa publicação, Carrera votou novamente a publicar os seus versos, dessa vez, escreveu uma espécie de poesia quase “extraterrestre”, a saber: um mundo paralelo ao humano, habitado por estranhas entidades (os *merovíngios*) – que, no fundo, era a continuação da “profecia” contida nos seus primeiros versos. Nesse manuscrito de 1947, o poeta, ao focar nessas curiosas entidades, trouxe a luz por *imagem substituta*⁴, os exércitos de Mussolini, uma realidade em que os membros do Eixo (Itália, Alemanha e Japão) conseguiram a vitória. Em minha percepção, a chave para essa interpretação está na própria base dessa realidade ou mundo paralelo, “em que ‘a Vontade e o Medo são a mesma coisa’” (Bolaño, 2019, p. 66). Por essa razão, numa realidade ou tempo em que Mussolini (e Hitler) saísse vencedor, sem ter sido derrotado pelos aliados, ou se unido forçosamente a esses, a realidade seria uma relação entre “Vontade” e “Medo”, essas que eram marcas da virulência fascista, que pregava a ação violenta, o prazer na guerra e na destruição, certo prazer sadista na subjugação e morte do outro, manifestos no decadentismo de Mussolini e do poeta Gabriele d'Annunzio, que viam na ação guerreira, segundo Maria Lacerda de Moura (1935), um objeto de gozo pelo sangue vertido, um prazer quase que incalculável.

Sobre a existência dos *merovíngios*⁵, em uma das correspondências enviada a Florencio Capó, Pedro González Carrera escreveu que não tinha certeza se conheceu aqueles em sonho ou na vida real. Independentemente do que tenha acontecido, o certo é que acordou, numa noite crepuscular, jogado num campo, e com esses poemas como que plantados em sua cabeça (Bolaño, 2019, p. 66). Com o passar dos anos, a sua “loucura” poética (desejo fascista) ganhou outros contornos, de modo que em 1955, trouxe à tona uma coleção de doze poemas, cada qual acompanhado de um desenho de sua própria lavra. O curioso desse livro de poesia, é que fora intitulado *Doce*, tendo como capa, abaixo das letras do título do manuscrito, garras de água a “sufocarem” uma cruz em chama, enquanto que o conteúdo dos poemas, eram quase os mesmos dos seus versos publicados anteriormente, era novamente uma espécie de continuação (Bolaño, 2019, pp. 67-68).

⁴ Refiro a um dos mecanismos teorizados por Freud (2010, p. 89-92) no ensaio *O inconsciente* (1915). Nesse ensaio, é dito que o objeto reprimido vem à tona novamente por deslocamento, por uma ideia/imagem semelhante a que foi recalcada pelo paciente.

⁵ Há algo interessante sobre a utilização desse vocábulo, pois os merovíngios realmente existiram, não como extraterrestres ou habitantes de outra terra/realidade. Mas que historicamente, esse termo se refere a uma dinastia que comandou o povo franco, entre os séculos V-IX, região que hoje se localizam cartograficamente: França, Alemanha, Bélgica e Suíça. O emprego desse termo é perspicaz na brincadeira com a ficção e com a realidade que perpassa a obra do escritor chileno, faz parte do jogo ficcional em que emprega coisas da realidade concreta para certa verificabilidade da realidade ficcional, a brincadeira que torna as fronteiras entre ficção e realidade mais nublada, tênue, algo empregado com frequência, por exemplo, por Jorge Luis Borges (1984). Além disso, a localização espacial desse povo (que habitou o território alemão), me parece um modo em que, de forma subjacente, Bolaño está fazendo referência, em parte, aos nazistas.



As características estruturais desse livro, o título e o desenho da capa fazem saltar quase que automaticamente o objeto de sentido do texto (seja manifesto ou latente), já que o título *Doce*, além de se referir aos doze poemas, é uma alusão ao vocábulo *Duce*, esse que é um dos epítetos de Benito Mussolini. Além disso, a própria capa da escritura, na qual se tem uma águia a segurar uma cruz em chamas, é uma clara referência ao nazifascismo, isso por que, a águia é um dos principais símbolos do nazismo e do fascismo, é uma das marcas de sua virulência e brutalidade. Já a cruz que em chamas, é segurada pelas garras da águia, pode ser interpretada, como uma representação do genocídio perpetrado pelos nazistas (talvez seja uma “imagem substituta”, um adejar entre a Cruz e a estrela de Davi) nos campos de morte, já que após o prazer sadista dos nazistas, os restos mortais dos judeus eram incinerados, na vista daqueles que tomaram a águia como símbolo de sua violência e poder, poder de destruir, e assim gozar do sangue do outro derramado, dos corpos a desaparecerem em fogo e fumaça.

Logicamente, o símbolo da águia é também um dos *slogans* do império norte-americano, esse que é tão violento e infame quanto o nazismo e o fascismo. E isso é interessante para se pensar não somente a confusão entre “mal” e “bem” em *A literatura nazista na América*, mas também os modos em que o mal ou certa ideia de mal perpassa movimentos que em tese, são contrários, estão em insídia entre si. Ou antes, essas correlações “simbólicas”, apontam como certos discursos ou experiências do século XX, parecem romper ainda mais as fronteiras que separam “bem” e “mal”, e o que talvez seja o problema real - o “bem” e o “mal” dependem de certa “unidade discursiva”, de certos agentes do poder, esses que utilizaram a todos, inclusive, as novas “pessoas do discurso” em vista de saciar a sua quase infinita vontade de aniquilamento. Esse é o caso da crueldade e infamidade nazista-fascista, uma manifestação, no fundo, do imperialismo e colonialismo perpetrado pelas nações europeias, essas que nem mesmo tentaram esconder a sua outra face, a outra face da modernidade, essa na qual se debruça parcialmente, Walter D. Mignolo (2017), no texto *Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade*.

Portanto, o estar entre fronteiras (confusão-fusão de conceitos e tipos), parece ser uma das experiências comuns, um desses novos discursos que, segundo Foucault (1996), surgiram na modernidade. Ouso dizer, que esses novos modos de ver, ler e viver o “real” são o resultado factível do século da ciência e da técnica, época que para Vattimo (2002), é de destruição e ameaça. É o século, ou o início de uma época, marcada por homens verdadeiramente infames, seres que utilizaram dispositivos de aniquilação em massa, como é o caso da bomba atômica que os norte-americanos lançaram sobre civis japoneses. É uma época da infamidade, em que os nazistas, em seu gozo sádico, fizeram dos campos de morte um espetáculo.

Enfim, vivemos a época desses novos “indivíduos do discurso”, muitos dos quais, não participam diretamente da destruição do outro, mas partilham ainda desse laço ideológico extremista, violento, racista, xenofóbico e sadista, ao passo que se ligam também a coisas contrárias a essas. São

essas coisas semelhantes as confusões, fusões e indivíduos fronteirços que abundam no *A literatura nazista na América*, livro que embora tematize um “discurso comum” entre as pessoas fora do cone europeu, focado a partir de certos laços com o nazismo, aponta que o nazifascismo no continente americano, não é apenas uma expressão da extrema direita, mas que há uma confusão até mesmo com sistemas ditos contrários, como é caso de certa esquerda, daí a existência de personagens que pairam entre nazismo e socialismo.

3 O ordinário – o mal comum / compartilhado

Bolaño relaciona um personagem ordinário com movimentos sanguinolentos, na medida que coloca Pedro González Carrera, em uma relação quase “inútil” (no particular, já que no coletivo, está “unido” com outros em torno de um dos males do século) com os movimentos políticos da época, um poeta que, enquanto indivíduo isolado, “ninguém o lê, nem na esquerda nem na direita” (Bolaño, 2019, pp. 68-69). Essa frase é interessante para se ter uma ideia da pequenez daquele que partilha dessa violência comum, mas que em sua vida cotidiana, é somente um professor em pequenas vilas e um poeta excêntrico (que não é lido por ninguém), sem ligação política direta com os supracitados, razão pela qual o seu nome é colocado numa lista também insignificante de colaboradores do fascismo. É apenas um nazifascista comum do século, e igualmente a inúmeros outros, para além de seus “irmãos” europeus, vive em outras cartografias, a escrever em versos estranhos o seu laço com aquilo que Theodor Adorno (1985) nominou na *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*, de Mal Absoluto.

Entretanto, esse ser apenas mais um talvez seja um problema maior, visto que demarca o poder dos movimentos sanguinolentos até mesmo nas pessoas mais comuns, na maneira como os agitadores utilizam-se das massas, ou como essas encontram nos fascistas e nazistas de plantão, aquilo que segundo Adorno (2015, p. 145), no ensaio *Antissemitismo e propaganda fascista*, afirma que negam a si, os males que desejam perpetrar, mas que são reprimidos, encontrando uma fuga ou um espelhamento nos agitadores, com os quais gozam dos males que relutam em realizar por si mesmos, os tabus que marcam as vidas das pessoas ditas normais. Essas são as vidas comuns (o infame-comum), as novas formas de ler, viver e escrever que como já citei, na perspectiva de Foucault, surgiram na modernidade, que ganharam espaço nos últimos séculos.

Na verdade, na gênese dos movimentos totalitários do século XX (nazismo, fascismo, stalinismo e talvez o imperialismo norte-americano) e também do século XXI (o governo de ultradireita que tomou posse do Brasil em 2019, o governo Trump nos EUA, o governo Milei na Argentina), se têm

como origem também esses indivíduos ordinários (a massa de entes racistas, xenofóbicos e nazifascistas, muitos dos quais, que em algum momento, participaram ou votaram nos regimes de esquerda), que encontraram eco para as suas vozes delirantes, sendo esses indivíduos, parecidos com os descritos no *A literatura nazista na América*.

A escritura que veio da pena de Pedro González Carrera, denota sua participação nesses discursos ordinários, demarcados por uma espécie de estupidez, no sentido de que são irrisórios, na insignificância que nem sequer a direita e a esquerda lhe dão espaço, sendo indigna de qualquer leitura. Essa insignificância e estupidez, também se aplica ao fictício filósofo brasileiro criado por Bolaño, Luiz Fontaine de Souza (1900-1977)⁶, que de sua insídia contra os filósofos enciclopedistas, suas refutações a Voltaire, Diderot, D'Alembert, Montesquieu e Rousseau, ou de suas claras manifestações antissemitas e racistas presentes nos livros de 1937, *A questão judaica na Europa* e *A questão brasileira*, passou grande parte de sua vida, entre a escrita e o sanatório. É um personagem que, para José Rivera-Solto (2017, p. 113), depois de ter tentado inutilmente “refutar” a modernidade filosófica ocidental (tendo parte de sua obra alcançado fama nos círculos católicos brasileiros, esses que nem mesmo perceberam que o autor confundiu em um dos seus livros, as pessoas de Kant, Hegel, Hölderlin e Sartre - isso também é irrisório, denota a estupidez não só do pseudo-intelectual, como também daqueles que consomem o material dos nazifascistas), acabou “internado em una clínica para enfermos mentales”.

De forma geral, Rivera-Solto (2017) aloca esse personagem como um “paradigma” da questão ou da confusão entre “razão e loucura”. E em minha percepção, na escritura e na realidade existencial das pessoas do século XX, Luiz Fontaine de Souza representa um dos que vivem o “colapso” da razão⁷, o entremear ou o enublar das fronteiras entre a racionalidade e a irracionalidade. Entretanto, ao falar desse “enublamento”, não me refiro ao colapso como um sentido de “fim” da razão, mas início de uma nova experiência, em que ao lado da técnica empregada para a destruição - aquilo que seria para Adorno (1985) uma espécie de reversão, quando os indivíduos não se debruçam sobre a parte do Esclarecimento que é permissiva, que leva a morte e a aniquilação do outro, o esclarecimento que decaiu no mito, no endeusamento do e das formas de matar dos governos totalitários - apareceram

⁶ Que bem poderia ser uma caricatura de alguns dos autoproclamados filósofos brasileiros (me refiro aos círculos olavistas e terraplanistas), esses que, com sua estupidez e imbecilidade, para empregar os termos correntes em suas falas, deram parte dos fundamentos da extrema direita brasileira no século XXI.

⁷ Gostaria de fazer aqui algumas considerações. O personagem, seria uma representação das inúmeras crises que atingiram as mais diversas áreas e povos nos séculos XIX-XX. Seria uma representação dessa época de Crise. E compreendo por crise, não algo que afronta somente as formas “tradicionais” de saber, como aponta Marcelo Topuzian (2013, p. 318), “La crisis no sería privativa de la literatura, sino de los discursos constituyentes tradicionales (como la religión y la filosofía)”. São crises que afetam a existência humana como um todo, e que talvez tenham gerado, ou que ao menos se relacionam, com as experiências totalizantes do século XX, os meta-relatos nazistas e fascistas.



inúmeros nazistas e fascistas, para além das demarcações ou dos territórios europeus, formaram base também nas Américas, como são representados (amiúde caricaturados) na literatura de Bolaño.

Para esse estudo cotejado, também considero interessante, a seguinte argumentação de Rivera-Soto (2017, p. 114), “La literatura nazi en América, de esta manera, se instala desde cada uno de sus intertextos como el derrumbe de la Razón al advenir la episteme posmoderna”. Interpreto esse enunciado do crítico chileno, no sentido de que nessa realidade dita “pós-moderna” – não me interessa aqui, a briga ou as inúmeras formas de se examinar o mundo pós-século XIX, após a suposta “queda” da metafísica ou dos meta-relatos –, teve o surgimento de novos discursos-pessoas (em Foucault, repito novamente, isso se inicia no século XVIII, sendo uma experiência ou desdobramento da modernidade). Entre esses, o infame-comum, as pessoas que na brincadeira ou jogo ficcional perpetrado por Bolaño, são abundantes, vacilam e se entremeiam nas mais diversas frentes, inclusive, nessa junção e confusão entre loucura e razão, modo pelo qual, não se pode nomear os personagens do livro do escritor chileno, apenas como imbecis, loucos e infames, já que pairam na própria confusão da conceituação que marca essa época.

Gostaria de citar ainda Alexis Candia Cáceres (2010), esse que no texto *Todos los males el mal. La “estética de la aniquilación” en la narrativa de Roberto Bolaño*, defende que, em *A literatura nazista na América*, como em outras escrituras do escritor latino-americano, se tem como chave ou ponto de análise, a barbárie do século XX, o louvor a violência coletiva, essa que manifestou toda a sua monstruosidade no nazismo. Na verdade, além do nazismo, também o fascismo e outros sistemas totalitários compartilharam desse prazer pelo mal, uma espécie de prazer na aniquilação do outro. Nesse caso, uma das marcas do século XX seria o “amor” à barbárie.

Esse “amor” ao mal, aparece constantemente no livro de Bolaño, esse é o caso das ideias defendidas pelo escritor e futebolista Silvio Salvático (1901-1994), que em seu desejo sádico, advogou pelo retorno da “glória” dos tempos da inquisição, teve como política de relação internacional, o prazer pela guerra constante contra os países que fazem divisa com a Argentina, como também propôs o estabelecimento da mutilação dos corpos, um espetáculo para o divertimento coletivo. Além disso, argumentou que era essencial o clareamento da “epiderme nacional” (ideia parecida com a crítica a mestiçagem proposta pelo personagem Luiz Fontaine de Souza), a eliminação dos povos originários e “a redução dos direitos dos cidadãos de origem judaica” (Bolaño, 2019, p. 51), sendo essa última proposta, semelhante *As leis de Nuremberg* (1935), com as quais se deu institucionalmente na Alemanha, o início daquilo que culminaria como sendo um dos mais horríveis genocídios da modernidade.

Enfim, as vidas fascistizadas são abundantes nesta escritura de Roberto Bolaño, de modo que esse mal compartilhado pelos novos “sujeitos do discurso”, uma espécie de mal comum, proliferam



para além do texto, visto que se encontram no mundo real casos análogos com os que são biografados e comentados no livro. Aliás, a veracidade do manuscrito é tanto que, quase se vê os personagens saltarem do texto, tornarem-se as pessoas que passam à nossa volta, que olham para nós, que às vezes até mesmo acenam ou pronunciam alguma palavra. Esse é o “sintoma”, ou a experiência dessa época, e Bolaño consegue enxergar essas personagens-pessoas, essas pessoas que estão tanto no seu livro quanto na realidade, que são, em minha percepção, como também para Sánchez (2015), a possibilidade do texto inacabado do filósofo francês, *La vida de los hombres infames*.

Portanto, *A literatura nazista na América* é o projeto possível do texto de Foucault, é uma verdadeira antologia de seres monstruosos e infames, marcados pela maldade, o sadismo e o prazer pela aniquilação, ou antes que participam dessas sensações parcialmente, visto que estão em deriva, flutuam por entre as fronteiras do “bem” e do “mal”, são as pessoas-discurso do século XX, século verdadeiramente dos infames, dos infames prováveis e reais, que existem em todos os indivíduos, que estão à espreita, a busca do menor sinal para cruzarem com os nossos caminhos.

Recebido em: 06/05/2024

Aceito em: 14/09/2024

Publicado em: 28/10/2024



REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. *Ensaíos sobre psicologia social e psicanálise*. Tradução de Verlaine Freitas. São Paulo: Unesp, 2015.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ANDERMANN, Jens. Para una hermenéutica de la enemistad: los estudios culturales latinoamericanos y el nuevo fascismo. *Cuadernos de Literatura*, Bogotá, v. XXI, n. 41, p. 79-89, 2017. DOI: <https://doi.org/10.11144/Javeriana.cl21-41.heec>.
- ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BEZERRA, Pedro Lucas de Lima Freire. A impossibilidade de manter-se a salvo: a Literatura e o Mal em Roberto Bolaño. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/29927>. Acesso em: 17 mar. 2024.
- BOLAÑO, Roberto. *A literatura nazista na América*. Tradução de Rosa Freire d’Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BOLAÑO, Roberto. *Amuleto*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BORGES, Jorge Luis. *Obras completas: 1923-1972*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1984.
- CÁCERES, Alexis Candia. Todos los males el mal. La “estética de la aniquilación” en la narrativa de Roberto Bolaño. *Revista Chilena de Literatura*, Santiago, n. 76, p. 43-70, abr. 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-22952010000100003>.
- FOUCAULT, Michel. *La vida de los hombres infames*. Tradução de Julia Varela e Fernando Alvarez-Uría. Prólogo de Christian Ferrer. La Plata: Altamira, 1996.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos [1914-1916]*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 12.
- KLEIN, Kelvin dos Santos Falcão. Intervenções-ficcionais latino-americanas: a história a contrapelo. *Revista Literatura em Debate*, Rio Grande do Sul, v. 3, n. 4, p. 152-163, 2009. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/470>. Acesso em: 20 fev. 2024.
- LUDMER, Josefina. *Aquí América Latina: una especulación*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2010.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 32, n. 94, p. 1-17, jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 fev. 2024.
- MOURA, Maria Lacerda de. *Clero e fascismo: horda de embrutecedores*. São Paulo: Editorial Paulista, 1935.
- RIVERA-SOLTO, José. ¡Muerte a Voltaire! El crepúsculo de los ilustrados en *La literatura nazi en América* de Roberto Bolaño. *Revista de Letras*, São Paulo, v. 57, n. 1, p. 99-118, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/11411>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- SÁNCHEZ, Walfrido Dorta. Los bordes del canon y la centralidad del mal: *La literatura nazi en América* de Roberto Bolaño. *Caracol*, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 252-264, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/caracol/article/view/90836>. Acesso em: 10 set. 2023.



TOPUZIAN, Marcelo. El fin de la literatura. Un ejercicio de teoría literaria comparada. *Estudios de Literatura*, Castilla, n. 4, p. 298-349, 2013. Disponível em: <https://revistas.uva.es/index.php/castilla/article/view/174>. Acesso em: 10 nov. 2023.

VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).

